

FAÇAMOS MUITA ARTE EM 5778

Tshuva, u-Tefila u-Tsedaka – Maavirim ET Ro’a Há-gzeira –

A mudança, o foco e a correção (retidão)

Atenuam a Severidade da Sentença

O que atenua a severidade da Sentença? A delação premiada...

Sempre que preparo as falas de Kipur a estrutura de *Tshuva, Tefila e Tsedaka* domina meu imaginário como um padrão estrutural deste dia. Parece um esboço da ordem do dia, uma súmula deste dia fora do tempo.

Tal qual o shabat que tem na oração da Amida que designa a sacralidade do dia, a Kedusha do dia, que é *Retse bi-Menuchateinu*, aceita nosso descanso, (tão bonito isso, a oferenda do dia é o próprio descanso), *kadshenu be-mitsvotcha*, nos sacraliza com essa tradição.... e ali aparece uma chave, um segredo místico para bom entendedor, que dá o tom diferenciado do dia,mas também dá o tempero específico de Maariv, Shacharit e Mincha, as rezas noturna, matutina e vespertina. Ali é colocado de noite, no kabalat shabat, *Vaianuchu-va* – descansarão nela (shabat feminino); de manhã *Vaianuchu-vo* (descansarão nele – shabat masculino) e de tarde *Vaianuchu vam*, descansarão neles, plural, feminino e masculino, juntos. Numa sutileza poética o descanso do shabat é a festa feminina de kabalat shabat, mas é também a estrutura masculina de *shacharit* e também é a harmonização acasalada da *mincha*. Estética e ética se casam no shabat desfazendo tensões e produzindo paz,ou a alegria e a relevância se casam no shabat, adocicando a crítica e produzindo serenidade. O coração e a cabeça se casam no shabat atendendo a um único corpo real. E mais importante de tudo é que a cadencia do dia vai do “bem” feminino ao “bom” masculino e na união de “Bem” e “Bom” se faz prazer – ONEG.

Assim para mim o dia de Kipur teria roteiro similar que desdobra no passar do dia seu significado maior.... Qual é a *Kedusha*, o sagrado desse dia? E como ele se desenrola de *Kol-Nidrei* a *Shacharit* até a *Mincha-Neila* revelando uma essência-segredo tal como o shabat. Reparem que Kipur, este Shabat dos Shabats, não só é comparado ao Shabat, mas tem também em sua estrutura um serviço extra, uma saideira, assim por dizer, porque, Neilah está kipur como a Havdala está para o shabat de alguma forma....

Se o shabat é sobre o valor do descanso do corpo, o kipur é sobre o descanso da alma... e a alma só descansa de sua consciência se ela consegue zerar ou expiar suas pendências, suas culpas. O shabat restaura fôlego – *shev* -- sentar, o kipur, o shabat do shabat, faz remir e reparar – *shav*, volta, promove o retorno a uma pureza e integridade original que nunca se conspurca seja lá qual a sua biografia. Shabat resgata a espontaneidade; o Kipur a autenticidade. Shabat é sobre prazer; o Kipur é sobre esperança.

Então porque estas três áreas Atenuam o Veredito da Sentença? Que sentença?

Estamos falando de pena capital, de não sermos inscritos no Livro de 5778: seja da morte como fim da vida, ou mesmo da modalidade de viver uma vida morta, desmotivada, deprimida. O primeiro diz respeito ao fato de que nem todos estarão aqui no ano que vem, ou corrigindo, estaremos (utilizando o tempo inclusivo e não “negante” do verbo). Pedimos para que não seja assim, mas a experiência mostra que é assim. A sentença é vivermos com a vulnerabilidade e a incerteza desse risco, dessa sensação de loteria, tal como representaremos amanhã na leitura da Torá na escolha de um bode expiatório tirado por azar, em *goral La-Azazel*, na escolha do destino pelo Deidade da Temporalidade, *Zaz* da mobilidade do transitório, do Deus do que é passageiro, Deus do que é fugaz e provisório... e não estamos falando do medo de morrer em si, mas da sensação de termos nosso projeto interrompido ainda incompleto e sem a realização de nossos sonhos e potenciais .

E estamos falando também da sentença de viver uma vida tomada pelo vazio, pela banalização de seus atrativos e pelo desânimo. Uma vida sem júbilo que nos deleta do Livro da vida mesmo que ainda estejamos relacionados em seu índice.

O que modifica – ou sem negação -- o que atenua este édito... esta sentença, são *Tshuva*, *Tefila* e *Tsedaka*, a mudança, o foco e a correção... Entender estas três esferas é fundamental para expiar a vida, purificando-a nesta grande *mikva* no tempo que é o dia de Kipur.

E não por acaso cada uma delas está relacionada as únicas três coisas pelas quais nos arrependemos. Nos arrependemos 1) do que não fizemos, 2) do que fizemos mal feito e 3) do mal que causamos nos outros. E queremos *tshuva* para fazermos o que não fizemos, *Tefila* para fazermos bem o que fizemos mal e *Tsedaka* para desfazermos o mal que realizamos ao outro.

Agora de noite vou falar sobre o feminino do arrependimento, sobre “Aquilo que não fizemos” e que demanda *Teshuva*. E da mesma forma que a *Kedusha* do dia de shabat, o sagrado específico do dia é encontrar descanso, a *Kedusha*, o sagrado específico de Kipur é encontrar remissão e reparação.

Tshuva é a força transformadora que permite fazermos o que não conseguimos fazer. E fazer pode as vezes ser até "parar de fazer", mas reflete a dificuldade de sermos diferentes do que somos. Por isso prometemos e furamos, dizemos “vou mudar”, mas recaímos e não mudamos. E isso desperta em nós um arrependimento, um sentimento de zelo ou urgência existencial. Somos tomados por uma saudade de si mesmo, uma nostalgia daquilo que poderia ter sido e um senso de autodiminuição.

Tshuva é uma palavra ambígua. Por um lado ela aponta para uma transformação, um estado de evolução e, por outro, seu sentido literal significa “retornar”, voltar ao invés de avançar. Talvez o que explique essa dualidade é que queremos retomar algo que é vital e passional. Como os sonhos que temos dos momentos em que queríamos engolir o mundo e nos jogar nele por inteiros. Arriscaria que a *Teshuva* está relacionada ao retorno a uma criatividade inata do ser humano. *Tshuva* eu leria como o retorno a nosso estado criativo.

É justamente por não termos sido criativos, que o que deixamos de fazer tem o peso que tem para o ser humano. Não é da vida que passou que choramos, mas de não termos sido capazes de vive-la criativamente, e com grande risco de fazermos o mesmo nesse ano que se inicia.

Prestem muita atenção no Pyiut que vamos recitar daqui há minutos: *Ki Hine Kachomer be-Yad Há-yotser -- Qual argila na mão do oleiro.... Qual a pedra na mão do entalhador... Qual o ferro na mão do ferreiro... Qual o leme na mão do navegante....* E mesmo que o poema esteja liturgicamente falando de Deus, sabemos que é de nós, que é de nossa criatividade que falamos as metáforas. Somos nós que forjamos o tempo, nós é que como artesãos moldamos nossa vida, talhamos, esculpimos, quebramos, derretemos o tempo. É desse labor de que fazemos nossa história pessoal.

Para os rabinos a criatividade é o sagrado da vida, até porque somos Imagem e Semelhança de uma entidade cuja única característica que não nos é proibido imputar-Lhe é a de Criador. A única imagem permitida para representa-Lo é a nossa, à Sua Semelhança.

E o que é ser criativo?

Ser criativo não é ser diferente. Ser criativo não énão ser conformado.

Outro dia vi uma adolescente na televisão explicar a razão de usar *piercings* e ela dizia que o fazia para Ser Original.... O problema é que dezenas de outros jovens na mesma quadra fazem o mesmo. Talvez se tivesse iniciado essa tendência eu ficasse mais impressionado. Mas o seu diferente na verdade é um ato de conformidade. Parece criativo, mas é um ato de não conformidade já conformado. A criatividade é um talento que todos nós em nossa condição de Imagem e Semelhança precisamos exercer em nossas vidas. *Tshuva* é a volta à condição criativa, até porque estar afastado dela é experimentar a morbidez, o luto do arrependimento. O livro da vida para os humanos não é o livro dos sobreviventes, mas o dos criativos. A *Kedusha*, o sagrado da vida está nela.

Então o que é ser criativo?

Em parte é o desejo na tradição judaica de produzir *Chidush*, novos olhares para as coisas. Olhares que atualizem e que estejam em sintonia com o fluxo do próprio tempo. E os rabinos sabem que a criatividade e a originalidade não brotam, não são mágicas que acontecem conosco. Ao contrário, provém de muita atenção e envolvimento com a vida.

Os *insights* e ideias que abrem novos portais em nossas vidas não vêm num momento, num segundo. Mas ao contrário, são produtos de muitas horas agonizantes tratando de encontrar resposta. Horas de desconhecer respostas num processo de tentativas que é em si um processo de iluminação.

Na prática você acha a resposta e discorda... e rejeita... tenta mais uma nova resposta.... e rejeita... até que você fica encurralado sem nenhuma resposta. E ao chegar a este ponto de desespero... reconhecendo que "não sabe" e se desapegando de todas as respostasE aí sim, num segundo –

que na verdade levou semanas, meses ou anos – num segundo o artesão, o ferreiro-entalhador-vidreiro de vida se manifesta criando.

E a beleza surge desta ausência de conforto.

A arte ela não vem de algo controlado, duro, mas da capacidade de ir dissipando tensões e gerando uma harmonia de outra ordem.... O que é um rosto bonito? Não é algo que se possa descrever com medidas... um nariz de tantos centímetros.... não por tamanho, mas pela harmonia de suas partes.

Um pintor que deseje explorar seu quadro com cores terá que debater-se com o Preto e Branco que não permite cores. Entender que o Preto e Branco são condições imutáveis, são o fundo para todas as cores é que permitirá encontrar cores e produzir uma harmonia de outra esfera. Assim como o *insight* não vem de um segundo, e sim de uma prospecção longa e cuidadosa, também é a labuta para ter um fundo que permita o “tal segundo” emergir. O fundo e a vida são Preto e Branco, não tem o que discutir. O que é... ée agora lide com isso. Essa é sua argila --- os *Kelim* os receptáculos para a arte.... são a tela, o mármore, e também a condição onde sua vida está emoldurada. É dali que vem sua criatividade. Se você não aceitar o Preto no Branco, se tentar discordar que Branco é Branco e Preto é Preto, nunca produzirá as cores que sua vida necessita. Não estará somando a Realidade, mas apenas, a negando. E negar produz um resultado que nunca é criativo, e sim deformativo.

Outro dia visitando uma pessoa querida que está lutando por estender sua permanência neste mundo... com esforço ela me dizia: **O importante é encontrar cores boas**. No início sabendo que tomava fortes medicações pensei que estivesse... suave e poeticamente delirando. Mas de pronto acordei para o fato de que estava mesmo era "Meta-lúcida". Sim o importante é encontrar cores mesmo sob este fundo Preto e Branco que pode parecer engolir todas as cores. E ser criativo quando a vida tem desafios é a única saída para continuar vivo e não ser um vivo-morto, um vivo com prazo de validade vencida.

Talvez esta harmonia do que é criativo esteja nessa humildade, nessa entrega, de não querer negar a realidade do fundo onde as cores podem se estabelecer. Quando damos espaços para que as coisas existam na forma que existem, aí cada cor dá permissão a outro de existir e se dá a harmonia. Ou uma ideia dá permissão a outra de existir sem forçar as coisas para serem o que deveriam ser, forçando antigas idéias.... então novas e originais idéias podem surgir. Manipular as velhas informações.... não é arte.

E assim vamos experimentando um processo de eliminar conflitos, e retirar as feiuras que provém das tensões que o artista descasca e descarta, até produzir beleza. Um processo que os místicos diziam, requer *Bitul* – humildade e *Achdut* – inteireza-unidade.... e assim a arte vai costurando com fios de divindade algo que é de outra ordem.

A *Kedusha*, o sagrado, nada mais é do que o produto criativo da vida. Como nas artes (a arte de viver) é fazer algo intangível caber dentro de algo tangível. Seja em notas musicais, seja em telas de pintura, ou em mármore para entalhar. Nesses meios, nesses *Kelims*, recipientes, o intangível se

permite capturar... E assim é também com os rituais, esses receptáculos de conter o espiritual e a luz, sempre tão arredia em se aprisionar em recipientes mundanos.

Pareceria num primeiro momento que a distancia entre o mundano e o celestial é intransponível. *ELION LO IRDIM LE-MATA, VE-TACHTONIM LO IAALU LE-MALA....* Dizem os místicos, o superior não descende ao baixo e o inferior não ascende ao alto....

Mas a Torá é o precedente universal que permitiu outra jurisdição. A Torá quebrou a barreira e baixou o que era superior ao lugar baixo... e o estudo dela permitiu ao que era baixo ascender às alturas. E o espiritual pode ser contido no físico.... E o físico – a pedra -- não resistiu a receber em si o espiritual e o intangível.

Toda a criação e toda a arte e todo o sagrado é a captura do evasivo em algo concreto. O que é mais evasivo, fugaz, elusivo e esquivo do que o tempo?... o nosso tempo? Realizar nesse tempo nosso caminho, entalhar nele o sagrado de criatividade e arte em nossas vidas é esculpir nossa assinatura neste ano de 5778. Só estarão nele, vivos de verdade, os criativos que não manipularem, buscando encaixar o antigo nos moldes deste novo ano. Quem tentar fazer de 5778 igual a 5777, sem arte, estará se conformando. E o conformado não está em formação e, por definição, não está vivo.

Ribono Shel Olam, Obreiro do Universo, autor, ator, artífice do Universo, dá-nos acesso à *Kedusha* neste dia... ao sagrado criativo que renova a vida numa obra, numa peça única, nunca d'antes produzida. Onde mais do que a assinatura do ego, salte aos olhos a harmonia conquistada... arrancada das entranhas do artista que eleva o que é baixo e faz descer o que é sublime.

Façamos muita arte, em seu sentido mais maroto e santo, em 5778 !!!

Gmar Chatima tova

Rabino Nilton Bonder